



GT 009. Antropologia da Criança: conjugando direitos e protagonismo social

Fernanda Cruz Rifiotis (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - Coordenador/a, Clarice Cohn (UFSCar) - Coordenador/a, Emilene Leite de Sousa (UFMA) - Debatedor/a, Antonella Maria Imperatriz Tassinari (Universidade Federal de Santa Catarina) - Debatedor/a

O objetivo do GT é reunir trabalhos que tenham como foco os modos pelos quais as crianças se constroem enquanto sujeitos, a fim de mapear e problematizar os desafios teóricos e metodológicos no campo da Antropologia da Criança. Como forma de dar continuidade aos GTs realizados em outras RBAs, interessa-nos trazer para o primeiro plano das reflexões, o potencial das crianças para revelarem o que nem sempre é objeto de atenção em estudos focados exclusivamente nos adultos. Gostaríamos de receber trabalhos sobre infâncias diferenciadas (crianças urbanas, camponesas, quilombolas, indígenas, de populações tradicionais, em situação de institucionalização, entre outras) que suscitem questões de gênero, raça e direitos específicos. Considerando o tema da 31ª RBA, destacamos a importância de pensar sobre os direitos e a proteção desses sujeitos, assim como também sobre os sujeitos desses direitos e seu protagonismo social. A proposta do GT é congrega pesquisas etnográficas recentes que suscitem discussões teóricas, metodológicas e éticas em diferentes contextos nacionais e internacionais abrangendo: estudos que pensem as experiências de construção das crianças enquanto sujeitos, que empreendam análises das tecnologias de governo voltadas às crianças, que exercitem reflexões metodológicas sobre a pesquisa com crianças e discutam as noções sociais de infância e que coloquem em perspectiva a questão da proteção e dos direitos desses sujeitos e seu protagonismo social.

Os Encontros das Crianças Sem Terrinha e o seu lugar na luta do MST

Autoria: Luciana de Matos Rudi

A presente proposta busca apresentar, de maneira geral, o projeto de pesquisa intitulado Infância, saberes e militância: uma etnografia dos Sem Terrinha do MST em desenvolvimento no doutorado, bem como os primeiros achados etnográficos do V Encontro Estadual dos Sem Terrinha (São Paulo, 2017) e do I Encontro Nacional dos Sem Terrinha (Brasília, 2018). A pesquisa tem como objetivo geral compreender o que significa para as crianças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra ser Sem Terrinha, englobando todas as possíveis relações que isso implica, com as outras crianças, com o Movimento, com suas famílias, educadores e com o próprio projeto de transformação social, fundado na reforma agrária e proposto pelo movimento. Os Encontros foram realizados tendo como foco os direitos das crianças à educação em primeiro lugar, além do direito à terra, à saúde e ao work. O MST explicita, seja em seus documentos ou na promoção dos Encontros, que as crianças Sem Terrinha, assim denominadas pelo movimento, ocupam um lugar de importância na luta pela reforma agrária, e que os encontros são para as crianças e com a participação delas na sua realização, enfatizando o protagonismo presente nas suas atividades. Os primeiros achados etnográficos revelam que o protagonismo das crianças parece estar amparado num modelo de protagonismo que é proposto pelo movimento, e guiado pelos adultos. Mas a etnografia dos Encontros também revelou que os adultos/educadores e educadoras se surpreendem, e muito, quando as crianças fazem desvios nesse caminho proposto por eles. De forma que a discussão sobre o que é, e o que significa protagonismo das crianças Sem Terrinha se faz mais do que pertinente para compreender o que é ser Sem Terrinha.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

